



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO -UFOP
INSTITUTO FILOSOFIA, ARTES E CULTURA - IFAC
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

MAYNE PASTORE FILGUEIRAS

**SAXOFONE E A MÚSICA ELETRÔNICA: breve histórico, análise da tendência
performática e processos criativos em tempo real**

Ouro Preto, MG

2025

MAYNE PASTORE FILGUEIRAS

**SAXOFONE E A MÚSICA ELETRÔNICA: breve histórico, análise da tendência
performática e processos criativos em tempo real**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Música do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de licenciado em Música.

Orientador: Prof^a. Dr. Érico Fonseca.

Ouro Preto, MG
2025



FOLHA DE APROVAÇÃO

Mayne Pastore Filgueiras

SAXOFONE E A MÚSICA ELETRÔNICA: breve histórico, análise da tendência performática e processos criativos em tempo real

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Música

Aprovada em 28 de março de 2025

Membros da banca

Dr. Érico Oliveira Fonseca - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Bernardo Vescovi Fabris (Universidade Federal de Ouro Preto)
Me. Charles Augusto Braga Leandro (Universidade Federal de Ouro Preto)

Érico Oliveira Fonseca, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 14/04/2025



Documento assinado eletronicamente por **Erico Oliveira Fonseca, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/04/2025, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0896248** e o código CRC **4EF6BB55**.

AGRADECIMENTOS

Ser musicista foi um sonho, que teve início na pequena cidade de Muniz Freire e foi despertado através de vivências com várias pessoas que passaram pelo meu caminho. Esse sonho está prestes a se realizar e tenho muito a agradecer a todos que fizeram parte dessa trajetória.

Primeiramente, a todos os seres de luz que guiaram meus caminhos, aos meus pais, pelo amor e apoio incondicionais, à minha irmã pela força e carinho, aos meus avós, tio Rafa e toda a família, sempre por perto, apesar da distância física.

À Ouro Preto, por ser o palco das maiores aventuras e conquistas, pessoais e profissionais e aos amigos que fiz por aqui e levarei para a vida.

Por fim, à UFOP pelo ensino gratuito e de qualidade. Em especial ao meu orientador, Dr. Érico Fonseca, à minha banca Dr. Bernardo Vescovi Fabris e Me. Charles Augusto Braga Leandro, aos profissionais entrevistados e toda a equipe do DEMUS.

"A academia não é o paraíso. Mas
o aprendizado é um lugar onde o
paraíso pode ser criado".
Bell Hooks

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pesquisa a inserção contemporânea do saxofone - um instrumento de sopro muito encontrado no *jazz*, *blues* e *soul* - na música eletrônica em performances de *live sax*. O estudo busca compreender a origem, a tardia inserção e difusão de performances dessa modalidade no Brasil, a ausência de notação musical em certas composições, a função do saxofonista como compositor e improvisador e os materiais usados nesse tipo de performance. Há de se destacar que o campo de pesquisas sobre saxofone na música comercial eletrônica é ainda escasso. Neste trabalho, traçamos um panorama histórico, desde a origem da música eletrônica até o advento do *live electronics* e conseqüentemente, do *live sax* também como tendência performática. Isso através de revisão bibliográfica, relatos de experiência em entrevistas com músicos pioneiros na área.

Palavras-chaves: música eletrônica; saxofone; performance musical; *live electronics*

ABSTRACT

This final paper researches the contemporary insertion of the saxophone - a wind instrument often found in jazz, blues and soul - into electronic music with live sax performances. The study seeks to understand the origin, the late introduction and diffusion of performances of this type in Brazil, the absence of musical notation in certain compositions, the role of the saxophonist as composer and improviser and the materials used in this kind of performances. It should be noted that the field of research on the saxophone in commercial electronic music is still scarce. In this work, we outline a historical panorama, from the origins of electronic music to the advent of live electronics and, consequently, live saxophone as a performance trend. This is done through a bibliographical review and experience reports through interviews with pioneering musicians in the field.

Keywords: electronic music; saxophone; music performance; live electronics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa do vídeo Kraftwerk live in Soest, Winter 1970 –a gravação mais antiga do grupo pioneiro da música eletrônica.....	17
Figura 2 – Performance da saxofonista e DJ Yarden Saxophone em Sunsetem Tel Aviv, Israel.....	20
Figura 3 – Performance do saxofonista Sakso no Festival de Música Eletrônica de Dança Tomorrowland.....	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perguntas norteadoras da entrevista com saxofonistas	21
---	----

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	10
<i>1 BREVE CRONOLOGIA SOBRE A MÚSICA ELETRÔNICA</i>	13
1.1 Origens da música eletrônica de 1930 até 1970.....	13
1.2 Música eletrônica comercial de 1970 até 1980	16
1.3 O advento do <i>live electronics</i> como tendência performática	18
1.4 O advento do <i>sax live</i> como tendência performática.....	19
<i>2 RELATOS SOBRE SAX LIVE E MÚSICA ELETRÔNICA AO VIVO</i>	20
2.1 Vivências dos profissionais entrevistados.....	21
2.2 Performance do saxofonista em eventos de música eletrônica dançante.....	23
2.3 Processos criativos na composição de novo repertório e registro das canções	23
2.4 Personagens da cena saxofonística da música eletrônica	25
2.5 Parceria com DJs ou demais profissionais	26
2.6 Softwares e hardwares utilizados no processo criativo e na performance.....	27
<i>CONCLUSÃO</i>	32
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	35
<i>ANEXO 1: entrevistas semiestruturadas</i>	37
<i>ANEXO 2: listagem de performances e composições do gênero para fins apreciativos</i>	43

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a inserção contemporânea do saxofone - um instrumento de sopro associado popularmente a bandas de música e gêneros como Jazz, Blues e Soul - no contexto da música eletrônica. Ademais, busca estabelecer um diálogo teórico com a área de performance.

No campo da música popular urbana, a música eletrônica emergiu, entre outros fatores, da fusão de elementos da *Soul Music* com o gênero *Disco* e com as batidas de baterias eletrônicas. Surgiram então outros subgêneros como o *Garage*, com proeminência de vocais típicos do *Gospel*, e o *Deep House* com linhas melódicas, melancólicas e minimalistas. Havia, também, o *Jazzy House*, no qual são promovidas batidas com um instrumento solo – quase sempre um sax, e onde há a fusão de ritmos *House* e atmosferas de *Jazz*, tendo em vista que inúmeros artistas foram influenciados pelo último que, sem dúvida, enriquece os elementos composicionais de produções nessa área. Constituíram-se e difundiram-se então, performances musicais que comportam elementos jazzísticos, da música tecnológica, eletrônica e todos os subgêneros supracitados.

Por meio de referências históricas e da análise de possíveis fatores de influência, a pesquisa desdobra-se para a performance musical em si, com enfoque na interação entre o DJ e o instrumentista em apresentações ao vivo. Nesse contexto, a postura do saxofonista em relação ao instrumento revela-se um aspecto central: enquanto no *Jazz* parece predominar a sutileza de movimentos, na música eletrônica a performance ganha maior destaque, caracterizando-se como uma experiência inovadora e desafiadora, responsável por intensificar as interações entre músico e público.

A pesquisa aborda não apenas a interação do músico ao vivo com o DJ e o percurso histórico-interpretativo pelos subgêneros da música eletrônica, mas também o trabalho criativo exigido do saxofonista nesse contexto musical.

Em obras que utilizam eletrônica em tempo real, o controle do tempo musical durante a performance é essencialmente responsabilidade do instrumentista. Este, além de executar o instrumento com nuances próprias, deve interagir com a resposta eletroacústica gerada por seus gestos, garantindo uma performance coesa e dinâmica.

A primeira questão a ser explorada neste estudo é o processo de inserção do saxofone em um gênero de ampla difusão cultural como a música eletrônica. Outro aspecto central é o processo composicional: o saxofonista, além de intérprete, assume o papel de criador do motivo

musical, com liberdade para explorar diversas possibilidades criativas. Entre elas, destacam-se: a transposição de melodias da música eletrônica para o saxofone, alterações no motivo melódico original, a fusão de músicas com semelhanças harmônicas, melódicas ou rítmicas, ou até a reestruturação completa da peça, conferindo-lhe um caráter inédito.

A pesquisa levanta, inicialmente, a hipótese de que o uso do saxofone na música eletrônica foi tardio devido à sua associação histórica e à predominância de melodias previamente estruturadas para o instrumento, o que limitou sua exploração em contextos inovadores. A segunda hipótese sugere que o saxofonista assume também o papel de compositor nesse gênero musical, sendo responsável por criar fraseados musicais com base em referências existentes. Essa necessidade surge da ausência de partituras ou registros específicos para o saxofone na música eletrônica, tornando essencial a adaptação e criação de melodias, muitas vezes a partir de materiais em áudio.

Assim, a partir do exposto, o objetivo principal que permeia este trabalho, é investigar um atual estado da arte sobre a cena de música eletrônica com inserção do saxofone. A partir da consulta a referenciais teóricos e da análise de dados qualitativos proveniente de entrevistas semiestruturadas com saxofonistas de destaque no Brasil, buscou-se:

1. refletir brevemente sobre a trajetória histórico-cultural da música eletrônica, abordando o processo de inclusão do saxofone como um de seus instrumentos, em diálogo com outros gêneros que podem ter influenciado na ideia de construir esta nova prática musical, disposto na primeira seção do trabalho;

2. analisar a atuação do músico saxofonista na cena de *live sax*, desde seu processo criativo até o resultado de sua adaptação melódica no repertório eletrônico;

3. investigar a performance do saxofonista em interação com o DJ no palco, levando em consideração os efeitos de cada movimento com a sonoridade do instrumento e harmonia com a base musical.

A motivação para essa pesquisa deriva de uma experiência pessoal, marcada por desafios frequentes na preparação de repertórios. Estudos que deveriam durar algumas horas frequentemente se estendem por dias, devido à falta de materiais disponíveis e acessíveis no gênero. Essa realidade reforça a necessidade de um "banco de dados" que facilite o trabalho de músicos e promova a democratização do gênero. Essa iniciativa possibilita que artistas, tanto iniciantes quanto experientes, tenham acesso a recursos adequados, encurtando o tempo de estudo e potencializando a expressividade nas performances.

Ademais, as composições desse gênero vão além das convenções rítmicas, melódicas e harmônicas. É crucial estabelecer uma uniformidade tímbrica que forneça ao ouvinte um parâmetro musical coeso, especialmente na interação entre os meios acústico e eletrônico (QUARANTA, 2016). Simultaneamente, na performance, os elementos tímbricos, melódicos e rítmicos do saxofonista dialogam diretamente com aspectos gestuais, intensificando a expressividade e o impacto estético da obra.

Metodologicamente, a investigação será realizada por meio de revisão bibliográfica de textos sobre música eletrônica e saxofone, visando ampliar a compreensão sobre os desafios e possibilidades dessa interação e, sobretudo, através de entrevistas com saxofonistas atuantes no gênero. Para isso, utilizamos como aporte teórico, autores como Marques (2014), Pierangeli (2018), Santos (1998), Silva (2017), e entre outros, que contribuem efetivamente para a ampliação da pesquisa a respeito da música e do saxofone. Ademais, para análise das entrevistas, recorreu-se ao processo de análise por categorização, conforme Bardin (1977).

Além da revisão bibliográfica e da análise dos relatos de saxofonistas atuantes na música eletrônica, também foi elaborada uma lista de referências fonográficas, que se encontra disponível nos anexos deste trabalho. Este material tem como objetivo, fornecer um panorama sonoro sobre a inserção do saxofone na música eletrônica, reunindo gravações e obras relevantes que ilustram as possibilidades estilísticas e performáticas do instrumento nesse contexto.

1 BREVE CRONOLOGIA SOBRE A MÚSICA ELETRÔNICA

Este capítulo versará brevemente acerca da história da música eletrônica, de maneira introdutória para assim, construir os conceitos iniciais dos quais se trata a presente pesquisa. Diante disso, fez-se um percurso histórico que insere a música eletrônica no mercado fonográfico desde o final do século XIX até o presente momento. Além de tratar o cenário tecnológico da primeira metade do século XX. Neste período, a produção de ferramentas musicais absorveu de maneira repentina os avanços da ciência elétrica e sonora. A fase inicial dessa integração se distinguiu por sua natureza experimental e especulativa. Identificamos duas categorias de interesses impulsionados por esses novos meios: uma de caráter midiático, que nomeamos como “fusão”, outra focada na criação musical, que designamos como “geração”. Mais tarde, na segunda metade do século, com a consolidação musical e o reconhecimento social dessas ferramentas, esta rígida divisão seria diluída (ARANGO, 2005, p. 21).

1.1 Origens da música eletrônica de 1930 até 1970

No final do século XIX e início do século XX, a música ocidental começou a explorar novas possibilidades sonoras, rompendo com as limitações impostas pela tonalidade tradicional e pela instrumentação típica dos concertos. Nesse contexto, surgiram importantes inovações como a atonalidade e o dodecafonismo, enquanto a música eletrônica emergia como uma expressão radical em busca de novos sons. Essa nova abordagem foi possibilitada pela utilização de tecnologias que transformavam ondas sonoras em sinais elétricos, permitindo uma expansão sem precedentes na criação musical (SANTOS, 1998, p. 12).

O crítico, escritor, professor e ensaísta José Miguel Wisnik (1989 *apud* SANTOS, 1998) introduziu a ideia de que o ruído se tornou um elemento fundamental na música dessa época. Enquanto a música tonal trabalhava para criar um ambiente sonoro "limpo", em que os conflitos sonoros eram harmoniosamente resolvidos, no século XX os ruídos começaram a ocupar espaço como parte integral da linguagem musical. Segundo Wisnik (1989), isso ocorre em dois níveis: internamente, com mudanças dentro da própria prática musical – como dissonâncias, alterações rítmicas e texturais, e a fragmentação de melodias e harmonias –; e externamente, com a incorporação de sons do ambiente moderno nas composições. Assim, as barreiras entre som musical e ruído tornaram-se cada vez mais fluidas, permitindo que qualquer som, dependendo de seu contexto, pudesse ser integrado a uma obra musical (*apud* SANTOS, 1998, p. 11).

A música contemporânea também ampliou seu foco para dimensões do som que a tradição ocidental havia deixado em segundo plano, como timbre, textura e dinâmica. No século XX, compositores trouxeram esses aspectos para o centro da criação musical, desafiando a ênfase histórica em melodia e harmonia (SANTOS, 1998, p. 12).

A colaboração entre músicos e técnicos foi essencial para o desenvolvimento de instrumentos eletrônicos inovadores, como o Teremim (1923), as Ondas Martenot (1928), o Trautonium (1930) e os primeiros modelos de sintetizadores analógicos, que surgiram em 1929. Além disso, dispositivos como o fonógrafo (inventado em 1878) e o gravador de fita magnética (aperfeiçoado em 1935) rapidamente se destacaram como ferramentas criativas para os compositores.

O termo “Música Eletrônica” foi utilizado pelos compositores alemães Werner Meyer Eppler e Herbert Eimert, durante os anos 1950, para definir os experimentos musicais realizados por eles no estúdio da NWDR (Nordwest Deutscher Rundfunk). Nos anos 50, o Rádio se desenvolveu, trazendo várias novas experiências. Dentre elas, o compositor Pierre Schaeffer realizou muitas experiências na Rádio Nacional Francesa em Paris, sendo considerado como pioneiro na Música Concreta¹. A partir daí, compositores desta vanguarda musical perceberam a necessidade de adequar e integrar em suas composições novas técnicas, materiais, corte e montagem de sons e até instrumentos considerados não tradicionais (ARANGO, 2005). Da mesma forma, Marques supõe que:

“os compositores da Música Electrónica (cujo surgimento se considera ter ocorrido na Alemanha) que tinham dificuldade em produzir sons interessantes apenas com a tecnologia ainda pouco eficiente, de geradores, filtros e pouco mais, existentes na época, buscavam formas de tornar os sons mais ricos. Vários compositores, diante dessas mudanças, passaram a manter contato, a fim de explorar a influência da tecnologia à música na época. Cada um de sua forma teve em consideração a importância da tecnologia para a composição musical” (MARQUES, 2014, p. 355).

A música eletrônica passou por fases de experimentação e inovação durante o século XX. No início do século, instrumentos como o Teremin e as Ondas Martenot trouxeram novas possibilidades sonoras. Na década 1940 e 1950, novos movimentos artísticos no cenário musical como a Música Concreta na França e a Elektronische Musik na Alemanha, estavam explorando sons eletrônicos e gravações, manipulando ambos para gerar uma experiência auditiva nova.

¹ Prática musical, iniciada por Pierre Schaeffer e Pierry Henry, na qual faziam uso de sons acústicos gravados e manipulados, utilizando as tecnologias de gravação e processamento que evoluíram rapidamente após a Segunda Guerra (ARAÚJO, 2019).

Nos anos 1960 e 1970, com o surgimento dos sintetizadores, a música eletrônica se tornou mais conhecida do grande público, dando espaço para diversos subgêneros que viriam a surgir nas décadas seguintes. Os desenvolvimentos tecnológicos e artísticos mudaram a produção e a percepção da música na época, e a eletrônica passou também a ser um gênero bem consolidado (JANOTTI, 2003).

Os avanços tecnológicos do século XX também influenciaram nos processos musicais. O rádio, em particular, passou por considerável desenvolvimento, com Pierre Schaeffer, engenheiro e compositor, que realizou experimentos na Rádio Nacional Francesa, em Paris. Schaeffer é reconhecido como pioneiro da Música Concreta. Durante os anos 50, alguns compositores da Música Concreta começaram a sentir necessidade de integrar em sua música novos materiais e novas técnicas, não se limitando à captação, corte e montagem de sons. Do mesmo modo, os compositores de música eletrônica (cujo surgimento se considera ter ocorrido na Alemanha) que tinham dificuldade em produzir sons com a tecnologia ainda pouco eficiente de geradores e filtros existentes na época, buscavam formas de enriquecê-los.

Vários compositores, diante dessas mudanças, por compartilhar os mesmos interesses, passaram a se encontrar, a fim de explorar a influência da tecnologia à música na época. Cada um de sua forma tiveram em consideração a importância da tecnologia para a composição musical. Pierre Boulez descreveu, em 1955, a situação com a qual todos os compositores alemães de música eletrônica se confrontavam. Nas palavras de Boulez (1999, p.188) “[...] raramente se assistiu, na história da música, a uma evolução mais radical, considerando-se que o músico encontra-se diante de uma situação inusitada: a criação do próprio som”. O autor ainda complementa que essa criação “não pela escolha do material sonoro com vistas a um efeito decorativo, ou para ressaltar algo”, considerando que seria “banal”, por “transpor para um outro domínio os problemas de orquestração ou de instrumentação que servem de base atualmente; mas trata-se da escolha do material devido as qualidades de estrutura intrínseca que ele comporta”.

Desta forma, buscou-se nesse subcapítulo uma breve contextualização bibliográfica e histórica sobre os primórdios da música eletrônica. Os próximos subcapítulos visam a abordagem de fenômenos mais recentes, de música eletrônica dançante, comercial e mercadológica, até a inserção do saxofone em tal panorama.

1.2 Música eletrônica comercial de 1970 até 1980

A partir do século XX, com a intensificação da globalização e o advento da internet e da tecnologia, as fronteiras entre arte e entretenimento, inclusive no que diz respeito à arte da música erudita e popular na época, sofreram mudanças. Com o avanço tecnológico e o rádio, a música popular integrou os recursos eletrônicos de forma diferente ao tradicional estilo antes mencionado. Essas novas experimentações musicais envolvendo a Música Pop e tecnologias eletrônicas, romperam com as abordagens mais teóricas e acadêmicas da música erudita, o que possibilitou a abertura de novos caminhos para criadores, que exploraram elementos de ambos os estilos.

Dentro desse contexto, a música eletrônica comercial ganhou destaque por utilizar tecnologias como sintetizadores, *drum machines* e softwares de produção musical, criando sons diferentes e inovadores (ARANGO, 2005). A música eletrônica dessa forma, não se limita às características de tendência concertante ou popular, mas trata-se de uma combinação de fatores sociais, culturais e tecnológicos que mudaram a forma como era produzida e consumida na época. Um exemplo significativo dessa transição é o trabalho de Wendy Carlos, cujas experimentações com sintetizadores, especialmente no álbum *Switched-On Bach* (1968)², ajudaram a consolidar a música eletrônica dentro da indústria fonográfica, mostrando o potencial dos novos instrumentos para a criação de música erudita e popular de forma inovadora.

O fenômeno da música eletrônica ganhou popularidade entre os anos de 1970 e 1980. Nesse período, houve diversas inovações tecnológicas e artísticas que mudaram o cenário musical contemporâneo. A banda alemã Kraftwerk pode ser considerada uma pioneira no gênero, explorando o potencial dos recursos eletrônicos para a música comercial, como consta nesta celebre performance em 1970:

² Disponível em:

https://open.spotify.com/intl-pt/album/3eybj65D63xdjPEho8N7s4?si=clQ3b_VLSj6xstL80A9Ufg. Acesso em 14 abr. 2025.

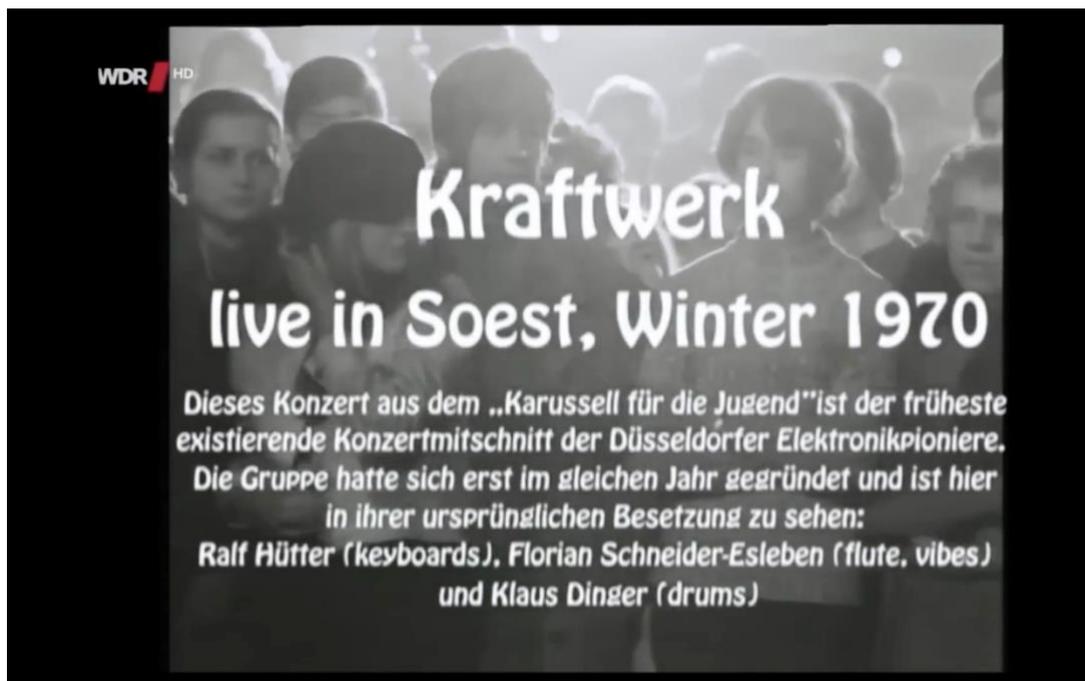


Figura 1 Phineas Freakers. First techno (Kraftwerk, 1970). 2015. 1 vídeo (3:29 min). Disponível em: <https://youtu.be/hWUjLJnEYJI> . Acesso em: 9 mar. 2025.

Um marco no advento da música eletrônica, foi o álbum "*Autobahn*" pelo supracitado grupo alemão, em 1974. Tal lançamento revolucionou o cenário musical ao inserir sintetizadores em todas as suas composições. A banda inaugurou a era do pop eletrônico, combinando sons sintéticos e robóticos. *Autobahn* foi importante para lançar essa nova experiência e por influenciar na estética de grandes bandas de techno-pop britânicas, como Depeche Mode e New Order (BLÁNQUEZ, 2024). Na internet há registros de que Florian Schneider, membro fundador do Kraftwerk e flautista de formação, foi um dos primeiros músicos a utilizar flauta e saxofone em performances e gravações da banda³. Quanto a outros casos de pioneirismo na música comercial eletrônica, cabe mencionar os trabalhos do músico alemão Riechmann, do tecladista francês Jean-Michel Jarre e da banda Tangerine Dream.

Ao mesmo tempo, a “Era Disco”⁴ também ganhou destaque nos anos 1970, representando a necessidade dos jovens de liberdade sexual e luta por movimentos sociais, como a luta pelo reconhecimento dos espaços e corpos LGBTQIAP+. Este movimento conquistou grande destaque por meio de canções dançantes, pelo envolvimento artístico e luta antirracista,

³ Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/morre-florian-schneider-fundador-do-kraftwerk-e-pioneiro-da-musica-eletronica-aos-73-anos/>. Acesso em 14 abr. 2025.

⁴ Era disco: movimento cultural das décadas de 1970 e 1980, caracterizado por sua associação a discotecas urbanas e uma estética visual marcante. Isto, não influenciou apenas a música, mas a moda, o comportamento social e outras formas de expressão artística (SILVA, 2017).

que ganhava força. A Disco surgiu em clubes underground pela cidade de Nova Iorque, sendo bastante popular entre a comunidade negra e latina. Nesses clubes, os DJs misturavam canções empolgantes sem interrupções entre uma e outra. Hits como "The Love I Lost" de Harold Melvin & the Blue Notes e "Rock The Boat" de The Hues Corporation trouxeram um avanço para a cena disco. Ainda, artistas mundialmente famosos como os Bee Gees, com o álbum "Saturday Night Fever", e Giorgio Moroder, com Donna Summer em "Love To Love You Baby", tornaram-se ainda mais populares para a Disco. Esta era entrou rapidamente em declínio, no entanto influenciou vários gêneros, como por exemplo, o Techno de Detroit, marcando a ascendência da música eletrônica (BLÁNQUEZ, 2024).

Além disso, com o avanço da tecnologia, a *Música para Computador* possibilitou novas formas de produção musical, destacando-se o desenvolvimento de *samplers*, *sequencers* e *loops*, que se tornaram ferramentas fundamentais para a criação de gêneros "pós-disco", como *House*, *Deep House*, *Trance*, *Drum'n'bass* e *Miami Bass*. Este último, em particular, teve consequências musicais importantes no funk carioca, influenciando sua estrutura rítmica e sonoridade.

No final dos anos 1970 e começo dos anos 80 emergiu popularmente, inicialmente nos Estados Unidos, a música eletrônica, sendo um fenômeno musical que prescindiu dos instrumentos tradicionais e incorpora recursos eletrônicos como ferramentas de trabalho. O termo 'música eletrônica' passou a ser amplamente utilizado por críticos, produtores e Disc Jockeys (DJs) (ARANGO, 2005).

Hoje, esse fenômeno musical se destaca como uma relevante expressão musical contemporânea, especialmente para os jovens, que desenvolveram uma forma diferente de apreciar esse tipo de música. Este fenômeno trouxe um novo significado para a sociedade, muitas vezes caracterizado por encontros de finais de semana para dançar ao som de canções que não conheciam previamente, celebrando a experiência proporcionada pela reprodução e "batida eletrônica". Ao mesmo tempo, as produções musicais desse estilo inovaram nos conceitos, criação e execução do que é um estilo musical (ARANGO, 2005).

1.3 O advento do *live electronics* como tendência performática

O termo "*live-electronic music*" é utilizado para se referir tanto à música produzida como executada através de processos em tempo-real e também à música que combina performance ao vivo e tape (EMMERSON, 2013, p. 104). O *live electronics* emerge, assim como a música

eletrônica, num contexto de escassez de recursos e necessidade de inovações nas performances deste gênero dançante.

No *live electronics*, esses sons são manipulados em tempo real, por isso o nome, a partir de improvisações semiestruturadas. A improvisação musical, nessa estética, desempenha um papel importante, que a caracteriza. Os timbres podem ser transformados pelo uso de dispositivos, proporcionando experimentalismo. Desde o início da música eletroacústica, é a experimentação que atua como metodologia comum, no sentido de uma desestabilização dos sentidos convencionados. Tem como foco, a performance e não constituem repertórios com o intuito de serem reproduzidos sistematicamente ao vivo (MENEZES, 2002, p.305).

1.4 O advento do *sax live* como tendência performática

O advento do *sax live* como tendência performática mudou o cenário da música eletrônica, com a introdução de elementos instrumentais ao vivo a esse estilo de música. O *sax live* ganhou destaque a partir dos anos 2000. Nessa época, havia uma forte onda entre os DJs e produtores, que desejavam adicionar mais emoção às suas performances. O saxofone, por ser um instrumento versátil, foi a escolha para trazer essa experiência na música eletrônica. O *sax live* ganhou força em eventos de música eletrônica e festas, onde o saxofonista acompanha as batidas eletrônicas, improvisando melodias simultâneas a essas bases pré-gravadas e mixadas ao vivo nas festas. A combinação trouxe para o público uma sensação maior de conexão com a música, visto o aspecto “orgânico” e espontâneo do saxofone com as batidas eletrônicas (QUARANTA, 2016).

Esta tendência aproximou o público que aprecia performance instrumental ao vivo com os entusiastas de música eletrônica, criando conexões entre diferentes perfis em eventos ao vivo. Como resultado dessa inovação, artistas e festivais começaram a contemplar o *sax live*, explorando estilos como *House*, *Deep House*, *Lounge* e *Chill-out*.

O *House* é um gênero da música eletrônica que surgiu em Chicago, em 1980. Caracterizado por batidas repetitivas e linhas de baixo marcantes, foi influenciado pela *Disco* e pelo *Soul*, consolidando-se nas pistas de dança (REYNOLDS, 2013).

O *Deep House* é uma vertente do *House*, que surgiu no final de 1980. Incorporando elementos de *Jazz*, *Funk* e *Soul*, o *Deep House* se destaca por suas atmosferas melódicas e vocais suaves, criando uma sonoridade mais sofisticada e imersiva (RITSON, 2017).

O *Lounge*, por sua vez, é um estilo relaxante e sofisticado, que mistura Jazz, Bossa Nova e música eletrônica ambiente. Utilizado em cafés, hotéis e eventos sociais, o *Lounge* tem o objetivo de criar uma atmosfera tranquila e acolhedora (SHAPIRO, 2000).

Por fim, o *Chill-out* é um subgênero da música eletrônica voltado para a ambientação e relaxamento. Com batidas lentas, texturas etéreas e melodias suaves, o *Chill-out* é ideal para momentos de descontração em festivais e eventos, funcionando como um contraponto às pistas de dança mais agitadas (PRITCHARD, 2001).

Grandes festivais e eventos de música eletrônica, como o Tomorrowland e Ibiza Sessions, tem em suas programações várias performances de *sax live*. Pode-se dizer que esta tendência faz parte de uma nova cena eletrônica moderna (QUARANTA, 2016), conforme demonstra as performances a seguir, extraídas do YouTube.



Figura 2 Yarden Saxophone. Live in Tel Aviv- Sunset House Beach Party Full Set. 2023. Disponível em: https://youtu.be/z_gXZODm0MI. Acesso em: 21 mar. 2025.



Figura 3 Michiel – Sakso – Hofman. Cooper & Sakso (live sax) at Tomorrowland 2013 – In my mind (Axwell remix). 2013. Disponível em: https://youtu.be/eNOTW_MT2Vc. Acesso em: 21 mar. 2025.

Tendo exposta esta primeira parte da pesquisa, em formato de cronologia com consulta bibliográfica, no próximo capítulo, realizou-se a análise das entrevistas com 3 nomes proeminentes da cena de Live Sax no Brasil. A pesquisadora optou em selecionar os trechos mais relevantes dos relatos trazidos por estes profissionais, a fim de criar um estado da arte sobre suas atuações.

2 RELATOS SOBRE SAX LIVE E MÚSICA ELETRÔNICA AO VIVO

O fenômeno da música eletrônica passou por experiências e inovações, juntando novas tecnologias com as tradicionais formas de expressão artística. Durante o século XX, a música eletrônica se consolidou no cenário musical com a invenção e performance com novos instrumentos e técnicas de áudio. Entre as décadas de 1970 e 1980, a música eletrônica comercial ganhou força e popularidade, devido ao uso de sintetizadores e áudios manipulados como *drum machines*. Com todo esse conjunto de novos instrumentos e técnicas associadas ao uso de sintetizadores e softwares de produção musical, a música eletrônica passou definitivamente a ser um estilo musical, tornando-se um fenômeno com novos significados para a sociedade. Além disso, a incorporação de elementos instrumentais, como o saxofone em performances ao vivo, trouxe novas tendências como o *sax live*, que conferiu mais emoção às apresentações de música eletrônica.

Neste contexto, a pesquisa deu voz à 3 expoentes da cena de *live sax* no Brasil: Paulo Pacheco, residente no Rio de Janeiro, conhecido por suas performances energéticas e fusão de jazz com vertentes da música eletrônica; George Israel, também do Rio de Janeiro, renomado saxofonista com uma vasta carreira, notavelmente como integrante da banda Kid Abelha, e incursões marcantes na música eletrônica; João Vinicius Bueque da Costa, conhecido artisticamente como JV Sax, residente no Espírito Santo, licenciado em música pela FAMES, multi-instrumentista com forte atuação na cena eletrônica, explorando sonoridades que transitam entre o *House* e o *Techno*.

Coletou-se, neste capítulo, através de entrevistas semiestruturadas realizadas ao longo do último semestre de 2024 a 2025, relatos acerca das vivências desses 4 instrumentistas. Tais profissionais são figuras relevantes na cena de *live sax*, pela experiência e reconhecimento nesta área de performance. Para isso, foram selecionadas 7 perguntas norteadoras da entrevista, que estão descritas no quadro abaixo. Os sujeitos de pesquisa relataram suas vivências com certa liberdade em relação ao roteiro³. As indagações tiveram enfoque em abordagens, experiências, performances em eventos de música eletrônica dançante, processos criativos empregados na composição de novo repertório, personagens da cena saxofonística dentro do gênero, parcerias

³Este modelo de coleta de dados é conhecido como entrevista semiestruturada (nota da autora com base em Bardin, 1977).

com DJs ou demais profissionais, além de softwares e hardwares utilizados no processo criativo e performance.

Para a análise dos dados, a autora recorreu às técnicas de análise de conteúdo, seguindo a abordagem de Categorização proposta por Bardin (1977). Essa metodologia foi escolhida por sua capacidade de organizar e interpretar de forma sistemática as informações coletadas, permitindo uma compreensão mais profunda dos discursos e significados presentes nos dados. Eis as perguntas norteadoras nesta fase da pesquisa:

Tabela 1 - Perguntas norteadoras da entrevista

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Você se dedica a compor para o saxofone no contexto de música eletrônica?</i> 2. <i>Como você lida com o aspecto criativo do saxofonista que toca em eventos de música eletrônica dançante no que tange a improvisação? (interseção entre composição e improvisação).</i> 3. <i>Como são seus processos criativos ao compor uma música inédita? (concepção melódica, harmonias, batidas/percussão, timbres ou outros).</i> 4. <i>Como ocorre o registro de suas composições próprias? (partituras, registro fonográfico ou outras formas.)</i> 5. <i>Você trabalha sozinho ou com um DJ? E em sua opinião, qual a importância dessa parceria do instrumentista com o referido profissional? O DJ participa do ato criativo?</i> 6. <i>Quais softwares e equipamentos você utiliza no processo de criação?</i> 7. <i>Quais softwares e equipamentos você utiliza na performance?</i> |
|---|

Nos subcapítulos a seguir, teremos a oportunidade de contemplar as experiências relatadas por Paulo Pacheco, George Israel, JV Sax.

2.1 Vivências dos profissionais entrevistados

O primeiro entrevistado, Paulo Pacheco, contextualiza ao mencionar o início de sua trajetória no *live sax*, através do contato com outros músicos que já exploravam essa fusão: “[...] Aqui no Brasil, eu fui o terceiro dos que começaram a tocar”. Ele aponta a influência da percussão como um dos primeiros elementos a se unir à música eletrônica e reconhece o papel de outros saxofonistas pioneiros na cena, como Martin Sarrasague. Sarrasague, que também tocava violino, é lembrado como um dos precursores do *live sax* no Brasil, notável por sua performance vanguardista com figurinos chamativos adornados com luzes de neon e LED, máscaras e óculos iluminados. Sua presença de palco caracteriza-se pela energia agressiva, intensa movimentação e improvisação, sendo especialmente reconhecido por sua habilidade de improvisar em qualquer tom sobre qualquer música.

O envolvimento de Pacheco com a música eletrônica, conforme seu relato, ocorreu de forma um tanto casual, motivado pela busca por oportunidades de trabalho remunerado. Suas primeiras experiências no live sax trouxeram surpresas, especialmente em relação à indumentária e à postura performática, que contrastavam com o que estava acostumado. Ele também destaca a atuação de percussionistas e DJs na cena musical paulistana da época, sublinhando a crescente interação entre instrumentos orgânicos e a música eletrônica.

Em seus anos iniciais de carreira, entre 1996 e 1998, Paulo Pacheco atuava em um trio de jazz. Essa experiência musical pregressa coexistia com oportunidades ocasionais de se apresentar com DJs nos mesmos eventos em que era contratado com seu grupo de jazz. Essa dupla atuação demonstra a sua abertura e o início de sua imersão no universo da música eletrônica, pavimentando o caminho para sua consolidação como saxofonista nesse cenário.

O segundo entrevistado, George Israel, compartilha uma profunda conexão com a música eletrônica, a qual ele considera um dos principais estímulos para sua exploração do saxofone nesse gênero. Em sua entrevista, ele recorda “[...] desde pequeno eu já brincava de DJ e colocava som em festinha nos meus 10/11 anos. Então eu já tinha essa história das festas, de mixagem, de estar sempre ligado nas músicas dançantes [...]”. Essa vivência inicial, segundo o mesmo, teria influenciado sua abordagem musical, especialmente na improvisação, onde buscava criar melodias próprias em diálogo com os ritmos, prenúncio de sua futura atuação no live sax com DJs.

Apesar de sua extensa colaboração com DJs ao longo de sua trajetória, George Israel valoriza a experiência da performance em banda com outros instrumentistas. Sua carreira inclui uma rica experiência com formações musicais, tendo atuado como saxofonista e compositor do Kid Abelha, o que demonstra sua versatilidade e apreço pela interação musical coletiva. Essa diversidade de experiências contribui para sua identidade como um músico aberto a variadas formas de expressão no universo da música eletrônica

O saxofonista João Vinícius, licenciado em música pela FAMES (Faculdade de Música do Espírito Santo), atua também como compositor e produtor de música eletrônica, incorporando o saxofone em todas as suas composições. Em eventos de música eletrônica, ele toca suas próprias composições e explora a intersecção entre composição e improvisação, adaptando o saxofone às estruturas rítmicas e harmônicas desse gênero. Para ele, essa adaptação envolve respeitar o vocal, quando presente, e estruturar solos de saxofone com um motivo⁵ claro, no tom da música.

⁵ Ideia melódica ou rítmica que serve como base para a construção de uma composição. Uma unidade musical que pode ser repetida, variada ou desenvolvida ao longo de uma peça (nota da autora).

2.2 Performance do saxofonista em eventos de música eletrônica dançante

A performance do saxofonista em eventos de música eletrônica dançante assume diversas formas, adaptando-se ao contexto e às características de cada apresentação. George Israel, por exemplo, molda sua atuação de acordo com o cenário, seja em sets com DJs, onde a improvisação melódica sobre *beats* e *loops* ganha destaque, ou em shows com bandas, que oferecem arranjos mais elaborados e interação com outros instrumentistas. Ele enfatiza a importância da troca de energia com o público e a sinergia com os demais músicos no palco.

Paulo Pacheco, por sua vez, descreve uma evolução em sua trajetória, desde as primeiras experiências improvisando em ambientes de lounge até a criação de projetos com identidade visual e produção mais complexa. Em sua visão, a adaptação musical e a presença de palco são elementos cruciais para envolver e cativar a audiência. Pacheco também ressalta a influência dos precursores do live sax no Brasil, como Martin Sarrasague, que já incorporava figurinos e performances vanguardistas.

João Vinícius (JV Sax) foca em como o saxofone se integra à estrutura da música eletrônica, respeitando a presença do vocal e utilizando momentos como o "*drop*" para inserir solos. Seus improvisos são guiados por um "motivo" melódico e fundamentados em seus conhecimentos de escalas e harmonia, demonstrando uma abordagem mais estruturada da improvisação. Ele também aponta para a característica da música eletrônica de ter fórmulas de compasso simples e fraseologia de 4, 8 ou 16 compassos.

Esses relatos revelam a diversidade de abordagens e a constante adaptação que os saxofonistas empregam ao se apresentarem em eventos de música eletrônica dançante, cada um contribuindo com sua individualidade para a dinâmica pulsante desse cenário musical.

2.3 Processos criativos na composição de novo repertório e registro das canções

Para responder às questões 3 e 4, "*Como são seus processos criativos ao compor uma música inédita (concepção melódica, harmonias, batidas/percussão, timbres ou outros)?*" e "*Como ocorre o registro de suas composições próprias (partituras, registro fonográfico ou outras formas.)?*", respectivamente, os entrevistados enfatizam os processos de escrita de forma autônoma.

O saxofonista Paulo Pacheco, no que se refere à composição, evidencia que cria músicas inéditas e realiza todo o processo de produção de forma autônoma. Seu processo composicional

tem início com a elaboração da harmonia, utilizando violão ou teclado, e pontua: “[...] normalmente, eu começo a dedilhar um teclado aleatoriamente e aí eu vejo que tom que está [...]” e depois cria as melodias, sempre com atenção ao campo harmônico. Com a melodia e a harmonia estruturadas, realiza as gravações no programa Ableton Live (software de áudio digital que permite criar e reproduzir música), em que também desenvolve as batidas. Com essa base concluída, passa a compor as linhas de sax e de outros instrumentos que complementam a composição.

Nas performances ao vivo com saxofone, Pacheco explica que, além de tocar suas próprias composições, também escolhe faixas e realiza remixes. O entrevistado destaca que, ao selecionar as faixas, busca identificar elementos sonoros em comum entre elas, criando uma sequência coesa que permita a integração do saxofone. Após a escolha das músicas, inicia o processo de análise das tonalidades e dos campos harmônicos, a partir dos quais desenvolve as frases que o saxofonista irá executar sobre os remixes.

Pacheco explicou a importância do registro das composições, para garantir os direitos autorais. Ele mencionou que é necessário estar associado a uma associação de compositores (como a ASIM), para obter um número do eCAD, que identifica a composição no sistema. Esse número é utilizado para o registro musical e quando uma música é lançada em plataformas como o Spotify, é vinculado aos *royalties* da música. O processo inclui o envio da partitura e acordes para a associação, que cuida do registro e fornece um código para a distribuição. Além disso, ele falou sobre o registro adicional na biblioteca estadual, embora não tenha muitos detalhes sobre esse procedimento. A principal preocupação é garantir os direitos autorais e receber os royalties corretamente.

O segundo entrevistado, George Israel, é autor de suas próprias músicas e relata que, no início de sua carreira, suas composições eram voltadas para a MPB. Com o tempo, começou a explorar o universo da música eletrônica, onde, com a colaboração de um parceiro DJ, se dedicava a criar as melodias e letras. Relata ainda, que suas composições começam com a melodia, muitas vezes criadas no violão ou com ideias que surgem espontaneamente, como mostra a tabela abaixo. A harmonia é trabalhada de forma orgânica, muitas vezes buscando simplicidade para facilitar a integração do saxofone com a base eletrônica. Em projetos mais recentes, há também a criação de timbres mais modernos, com foco em *beats* e percussão eletrônica, adaptando a sonoridade ao estilo atual. Sobre o processo de registro das canções, não obtivemos muitos detalhes, cujo único momento que referenciou o registro foi: “Nessas músicas, a gente até deu uns ajustes depois, mas no primeiro momento, assim, a primeira gravaçãozinha, assim, né, pra registrar, sai sempre meio rápido mesmo” (George Israel)

O último entrevistado, João Vitor (JV Sax), produtor de música eletrônica e compositor de melodias para saxofone, descreve seu processo criativo como altamente flexível e dinâmico. Ele explica que, inicialmente, uma melodia surge em sua mente, que então é trabalhada ao lado das batidas e harmonias. Porém, à medida que a produção avança, essa combinação pode alterar a direção do trabalho, resultando em um produto final que muitas vezes difere da ideia inicial. Esse processo criativo, segundo ele, é livre e aberto a mudanças, permitindo que a música evolua de forma orgânica e inesperada durante sua execução. Essa flexibilidade é essencial para o desenvolvimento de seu repertório autoral, onde a interação entre a melodia e a estrutura eletrônica se dá de maneira fluida, permitindo o surgimento de novas sonoridades e interpretações ao longo da produção.

Como produtor fonográfico registrado na ABRAMUS (Associação Brasileira de Música e Arte), o entrevistado afirma que todas as suas composições estão devidamente registradas na instituição, o que garante a proteção e o reconhecimento dos seus direitos autorais. Ele recebe regularmente os direitos autorais provenientes das plataformas de música, assegurando uma remuneração justa pelo uso de suas obras. Esse registro é fundamental não apenas para assegurar os direitos legais sobre suas criações, mas também para possibilitar a distribuição e monetização de sua música em diferentes mídias e canais digitais.

2.4 Personagens da cena saxofonística da música eletrônica

A consolidação do saxofone na música eletrônica brasileira tem sido impulsionada por músicos cujas trajetórias revelam diferentes formas de inserção e inovação dentro dessa fusão sonora. Este subcapítulo apresenta três dos artistas entrevistados, além de nomes mencionados por eles, cujas contribuições são significativas para o desenvolvimento da cena.

Paulo Pacheco é apontado como um dos pioneiros do *sax live* no Brasil. Sua atuação em eventos de grande porte e sua busca por integrar o timbre do saxofone ao ambiente eletrônico têm contribuído para consolidar o instrumento como elemento expressivo dentro do gênero. Em sua entrevista, destaca a importância da colaboração com DJs, evidenciando o papel da improvisação e da interação musical na construção de performances diferenciadas. Pacheco também menciona como influências os saxofonistas Martin Sarrasague, reconhecido por sua presença cênica marcante e habilidade de improvisação, e Edu Bruce, colega atuante na cena eletrônica.

George Israel, conhecido desde sua atuação com a banda Kid Abelha, tem se destacado pela versatilidade em transitar entre o pop rock e a música eletrônica. Suas colaborações com

DJs e outros músicos contribuíram para o fortalecimento do saxofone nesse contexto, oferecendo uma abordagem melódica e sofisticada às produções eletrônicas contemporâneas.

João Vinícius (JV Sax) representa uma nova geração de músicos que une performance instrumental à produção musical. Atuando simultaneamente como saxofonista e DJ, busca autonomia criativa e uma integração mais orgânica entre os elementos acústicos e eletrônicos, ampliando as possibilidades expressivas da cena.

As trajetórias desses artistas revelam a diversidade de abordagens e estratégias na inserção do saxofone na música eletrônica, reforçando seu papel como elemento dinâmico e inovador na cena musical brasileira contemporânea.

2.5 Parceria com DJs ou demais profissionais

O saxofonista Paulo Pacheco, relatou sobre a importância das parcerias entre DJs e músicos instrumentistas como ele mesmo, que toca saxofone. Ele destacou que a colaboração entre DJs e músicos agrega energia e dinamismo aos shows. Isso se torna especialmente relevante em festas longas, onde é difícil manter o público animado por muitas horas.

A presença de um instrumentista como um saxofonista, pode ser um diferencial, ajudando a revitalizar a pista. O profissional mencionou que muitos DJs o procuram justamente por essa capacidade de agregar valor aos seus sets. Ele também ressaltou a importância da troca musical e da criatividade durante as performances.

Durante os shows, o músico pode improvisar e criar melodias que complementam a música do DJ. Essa liberdade expressiva é vista como um elemento enriquecedor para a experiência do público. A interação ao vivo entre os artistas promove um espetáculo mais envolvente e personalizado.

Além disso, o entrevistado falou sobre sua evolução profissional, deixando de ser reconhecido apenas como "o saxofonista de" para consolidar sua própria marca. Atualmente, atua de forma independente, o que lhe permite maior controle sobre suas apresentações. Ainda assim, mantém parcerias com outros músicos, como violinistas, para atender a demandas específicas dos clientes.

Ademais, mencionou que iniciou atividades como DJ, o que ampliou suas possibilidades de atuação. Essa nova função permitiu a inclusão de mixagens ao vivo em suas apresentações. Também favoreceu colaborações com outros DJs, fortalecendo sua presença na cena da música eletrônica.

O entrevistado George Israel destaca a relevância das parcerias com DJs e outros profissionais da música como um fator enriquecedor para a criação artística. Segundo ele, essas colaborações possibilitam a experimentação de novas sonoridades, rompendo com estruturas tradicionais e ampliando o potencial criativo das apresentações ao vivo. A interação entre o saxofone e as bases eletrônicas constitui uma oportunidade de inovação estética e musical.

Ao transitar entre gêneros como o pop rock e a música eletrônica, o músico evidencia a versatilidade do saxofone na construção de atmosferas melódicas sobre camadas rítmicas digitais. Ele ressalta que a abertura ao diálogo com DJs e produtores ressignifica o papel do instrumento em contextos contemporâneos, afastando-o de usos convencionais e promovendo sua inserção em novas linguagens musicais.

Em sua carreira solo, George Israel apresenta espetáculos como "O Baile do George", nos quais interpreta sucessos do Kid Abelha, de Cazuza e de outros artistas consagrados. Nessas apresentações, as versões preservam a essência original das músicas, sem ênfase em remixes eletrônicos, demonstrando seu compromisso com a fidelidade estética das obras, mesmo ao explorar novas possibilidades performáticas.

João Vinícius, conhecido artisticamente como JV Sax, representa uma nova geração de músicos que busca ampliar as possibilidades expressivas do saxofone dentro da música eletrônica. Atuando simultaneamente como DJ e instrumentista, propõe uma abordagem multifuncional e autônoma das performances ao vivo, na qual assume integralmente o controle da criação musical. Essa prática permite uma fusão orgânica entre os elementos eletrônicos e o fraseado do saxofone, contribuindo para uma experiência sonora imersiva e personalizada.

Ao destacar a importância de dominar tanto a execução instrumental quanto os recursos de mixagem digital, JV Sax evidencia a crescente valorização de artistas híbridos na cena contemporânea. Tal perfil se distancia da lógica da colaboração pontual entre DJ e instrumentista e aponta para um modelo de atuação mais autoral, no qual o saxofonista detém controle criativo pleno sobre sua performance. Dessa forma, JV Sax exemplifica um caminho emergente na cena saxofonística eletrônica, marcado pela experimentação, pela autonomia e pela constante reconfiguração de fronteiras estéticas.

2.6 Softwares e hardwares utilizados no processo criativo e na performance

O primeiro entrevistado compartilha que, durante suas apresentações ao vivo, utiliza um microfone sem fio da marca Shure, o que lhe proporciona maior liberdade de movimentação no palco - um elemento essencial para o estilo performático e interativo que adota. Em sua

configuração técnica, faz uso de um pedal de efeitos da marca TC Helicon, aplicando recursos como *delay* e *reverb* para expandir o espaço sonoro e conferir profundidade às intervenções com saxofone. Em fases anteriores de sua carreira, chegou a empregar pedais mais sofisticados, incluindo modelos com oitavadores de voz e efeitos como *flanger*, com o intuito de simular naipes de instrumentos de sopro e criar texturas sonoras mais densas.

No projeto *Sax in the Beat*, opta por um saxofone MIDI da Yamaha⁶, equipamento que possibilita a simulação de sons diversos e amplia as possibilidades timbrísticas. Essa escolha demonstra uma postura experimental voltada à inovação tecnológica na performance ao vivo. Além disso, o músico menciona seu interesse em integrar futuramente um teclado MIDI ao *setup*, com o objetivo de enriquecer ainda mais suas apresentações e ampliar seu controle sobre os elementos musicais em tempo real.

O segundo entrevistado também utiliza um microfone sem fio Shure, recurso que lhe proporciona maior mobilidade e liberdade durante os shows, especialmente em contextos que exigem interação com o público e com a banda ou DJ. Para a modulação do som do saxofone, emprega pedais com efeitos de *delay* e *eco*, que lhe permitem criar ambiências sonoras complexas e camadas acústicas envolventes. A utilização desses recursos tecnológicos visa não apenas a amplificação do som, mas também sua expansão estética, o que contribui para uma experiência imersiva e sensorial por parte do público.

Já o terceiro entrevistado, João Vinícius (JV Sax), que atua de maneira híbrida como saxofonista e DJ, adota uma configuração técnica que reflete sua proposta performática multifuncional. Para a parte da discotecagem, utiliza a controladora Denon Prime Go, operada a partir de um pendrive com faixas previamente selecionadas. Em relação ao saxofone, seu microfone principal é o Shure Beta 98, ligado a uma mesa digital Ui16, permitindo o controle e a equalização dos canais durante a apresentação. Seu instrumento principal é o saxofone Weril Master, com um modelo Júpiter mantido como reserva.

JV Sax destaca ainda que, por integrar as funções de DJ e instrumentista, é frequentemente responsável também pela parte técnica do espetáculo, cuidando da montagem e configuração dos equipamentos. Esse aspecto ressalta a importância da autossuficiência técnica para artistas que atuam nesse segmento, exigindo conhecimentos tanto musicais quanto operacionais para garantir o êxito das apresentações ao vivo.

A análise dos depoimentos evidencia que os hardwares e softwares utilizados pelos músicos entrevistados vão além do suporte técnico, funcionando como ferramentas criativas e

⁶ Cabe mencionar a atuação histórica de Michael Brecker com EWI (Eletronic Wind Instruments). (nota da autora).

expressivas. Esses recursos não apenas otimizam a performance, como também expandem o vocabulário estético dos artistas, permitindo a incorporação de novos timbres, ambiências e interações sonoras. Dessa forma, o domínio de tecnologias de áudio configura-se como um elemento central no trabalho dos saxofonistas que atuam na cena da música eletrônica, sendo parte integrante de sua identidade artística.

CONCLUSÃO

O fenômeno da música eletrônica passou por experiências e inovações unindo novas tecnologias com as tradicionais formas de expressões artísticas. Durante o século XX, a música eletrônica se consolidou no cenário musical com a invenção, a performance e com novos instrumentos e técnicas de áudio.

Entre as décadas de 1970 e 1980, a música eletrônica comercial ganhou notoriedade e popularidade, devido ao uso de sintetizadores e áudios manipulados como *Drum Machines*. A combinação desses recursos tecnológicos com softwares de produção musical transformou a música eletrônica em um estilo consolidado, transcendendo o âmbito musical para se tornar um fenômeno social e cultural.

Atualmente, é caracterizada por eventos que reúnem pessoas em torno de performances contínuas e dançantes, além de incorporar elementos instrumentais, como o saxofone, em apresentações ao vivo. Essa integração de instrumentos acústicos, exemplificada pelo surgimento de tendências como o *sax live*, adicionou camadas expressivas e emocionais às performances, ampliando as possibilidades criativas do gênero.

A complexidade e a diversidade dos processos composicionais na música eletrônica evidenciam a riqueza de abordagens artísticas presentes nesse campo. Nesse contexto, a pesquisa proposta visou incentivar instrumentistas a dedicarem-se à criação de um acervo de partituras voltado para repertórios de música eletrônica que integrem o saxofone. Essa iniciativa é particularmente relevante diante da crescente disseminação do gênero e da escassez de materiais específicos disponíveis para músicos. A construção de um acervo robusto e diverso não apenas enriqueceria o repertório existente, como também facilitaria o acesso a recursos que possibilitem performances mais consistentes e bibliografia para elaborações didáticas acerca do *sax live*.

No que diz respeito à notação musical, adota-se uma abordagem que prescinde de divisões métricas por barras de compasso, priorizando uma escrita instrumental que permita ao intérprete maior fluidez e liberdade na execução. Em obras que envolvem eletrônica em tempo real, o controle do tempo musical durante a performance recai essencialmente sobre o instrumentista, exigindo uma interação dinâmica entre o performer e os elementos tecnológicos. Essa metodologia de notação reflete a natureza flexível e experimental da música eletrônica, alinhando-se às suas características estéticas e performáticas.

Mais especificamente, o subcapítulo 1.1, ao abordar a história da música ocidental, mostrou a ruptura com a tonalidade tradicional, explorando atonalidade, dodecafonismo e música eletrônica, assim como, os instrumentos como o Teremim e sintetizadores surgiram, enquanto a Música Concreta e Elektronische Musik revolucionaram a criação musical, integrando tecnologia e sons ambientais.

No subcapítulo 1.2, denota-se o progresso histórico e evidencia o surgimento da música eletrônica comercial, unindo tecnologia e cultura pop, com sintetizadores e *drum machines*. A cena eletrônica se consolidou como uma experiência coletiva, redefinindo a produção e consumo musical.

Em 1.3, abordamos o "*Live-electronicmusic*", que se refere à performance em tempo real com manipulação eletrônica, combinando improvisação e tecnologia. Essa tendência surgiu da escassez de recursos e da busca por inovação, focando no experimentalismo e na transformação sonora.

No subcapítulo 1.4, foca-se na introdução do sax live na música eletrônica, a partir dos anos 2000, que trouxe um elemento orgânico e emocional às performances, combinando improvisações do saxofone com batidas eletrônicas.

No segundo capítulo deste trabalho, os relatos dos 3 saxofonistas entrevistados demonstraram que esta fusão, não apenas expande as possibilidades sonoras do gênero mas também proporciona abordagens performáticas. Observou-se que a adaptação do saxofone a esse ambiente musical ocorre de diferentes maneiras, seja por meio da improvisação sobre bases eletrônicas, do desenvolvimento de solos estruturados para momentos estratégicos das faixas ou pela exploração de efeitos tecnológicos que aumentam a expressividade do instrumento.

Outro aspecto relevante destacado na pesquisa foi a diversidade de abordagens no processo criativo. Enquanto alguns saxofonistas optam por compor melodias específicas para música eletrônica, mantendo a essência do instrumento, outros exploram a produção fonográfica e a *remixagem*, ampliando suas atuações para além da execução ao vivo. Essa flexibilidade evidencia que o saxofonista, dentro desse contexto, transita entre funções de instrumentista, produtor e arranjador, adaptando-se às exigências mercadológicas e ao dinamismo das apresentações.

A pesquisa revelou a relevância da parceria entre saxofonistas e DJs. Embora alguns dos entrevistados tenham relatado um trabalho mais independente, a interação com DJs é frequentemente mencionada como um elemento essencial na construção de experiências

musicais imersivas. O saxofonista agrega um aspecto humano e orgânico à estrutura programada de música eletrônica, o que resulta em performances mais dinâmicas e cativantes para o público.

Por fim, no que tange aos recursos tecnológicos, os entrevistados descreveram diferentes formas de utilização de equipamentos e softwares. O uso de microfones sem fio, pedais de efeitos e controladores MIDI amplia as possibilidades expressivas do instrumento, permitindo maior interatividade e liberdade performática. No entanto, também foi observado que alguns entrevistados optam por preservar o timbre puro do instrumento, evitando o uso excessivo de modificações sonoras para manter sua identidade musical dentro da eletrônica e deixar ainda mais evidente esse contraste entre o orgânico e o eletrônico.

Nos anexos deste trabalho, encontram-se as entrevistas realizadas com os 3 saxofonistas de música eletrônica, que compartilham suas experiências, abordagens criativas e perspectivas sobre a integração do saxofone na música eletrônica. Além disso, também está disponível uma lista de apreciação fonográfica, reunindo obras e gravações que serviram como referência para a pesquisa, auxiliando na análise do papel do saxofone dentro desse contexto musical.

Dessa forma, os achados deste capítulo reforçam que a integração do saxofone à música eletrônica não apenas amplia as fronteiras da performance musical, mas também contribui para a constante evolução da expressão artística dentro do gênero. A capacidade de adaptação dos saxofonistas e a incorporação de novas tecnologias são aspectos fundamentais para a consolidação dessa tendência, abrindo caminhos para novas pesquisas e experimentações dentro da música eletrônica contemporânea.

Por fim, a pesquisa apontou para a necessidade de um banco de dados que facilite o acesso a materiais e recursos para saxofonistas atuantes na música eletrônica. Além de otimizar o processo de estudo e preparação de repertórios, tal iniciativa incentivaria a exploração de novas possibilidades criativas e didáticas. Ademais, é importante que se almeje futuras publicações de cunho artístico-pedagógico, destinadas à aprendizagem das especificidades do *sax live*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANGO, Julian Jaramillo. **Homens, máquinas e homens-máquina: o surgimento da música eletrônica**. São Paulo: UNICAMP, Instituto de Artes, 2005.

ARAUJO, Davi Donato Amorim de. **Limites da escuta: epistemologias do sonoro na música concreta, na ecologia acústica e nos estudos do som**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-26072019-092642/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70. 1977.

BLÁNQUEZ, Javier. **Autobahn, el disco de los pioneros Kraftwerk que inauguró la era del pop electrónico cumple 50 años**. El País, 15 ago. 2024. Disponível em: <<https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/graduacao/bibliotecas/repositorio-digital>>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CHADABE, J. **The Electronic Century**. Trad. Geraldo Henrique Torres Lima. O Século da Eletrônica. Revista Música Hodie, Goiânia, V.14 - n.1, 2014, p. 8-32

EMMERSON, P. S. **Living Electronic Music**. [S.l.]: Ashgate Publishing, Ltd., jan. 2013. Google-Books-ID: zNShAgAAQBAJ. ISBN 978-1-4094-9371-6.

JANOTTI JR., Jeder Silveira. **Música pop e cultura massiva: um estudo sobre o pop/rock brasileiro dos anos 80**. São Paulo: Annablume, 2003. Disponível em: <<https://acervo-digital.espm.br/E-BOOKS/Acesso%20restrito/302882.pdf>> Acesso em: 24 jan. 2025.

MARQUES, Kelly- A Influência da Tecnologia da Música do Século XX. Actas do II **Encontro Ibero-Americano de Jovens Musicólogos**, Porto, v. 2, n.exemplar, p. 353-358, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/6776291/A_Influ%C3%Aancia_da_Tecnologia_da_M%C3%BAsica_do_S%C3%A9culo_XX. Acesso em 15 jan. 2025.

MENEZES, Flo. **"For a morphology of interaction"** Organised Sound 7(3): 305-311. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PIERANGELI, Caio T, **Live Electronics e os paradigmas de interação**. Caio Tikaraishi Pierangeli, São Paulo, 2018

PRITCHARD, M. **Chill-out: The Music of Relaxation and Reflection**. Global Beats Publishing, 2001.

QUARANTA, Daniel Eduardo. **Processo de Criação de "La Hora Mágica" para Sax e Eletrônica à luz da Teoria dos Conjuntos e do conceito de Dispositivo Composicional**. Revista *Vórtex*, v. 4, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/vortex/article/view/1324>> Acesso em: 15 jan. 2025.

RATTON M. **Tecnologia dos Instrumentos Eletrônicos**: parte 7 síntese granular. 2002b. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/mvs/Periodo01-1906-Telharmonium.html>. Acesso em 13 dez. 2024.

REYNOLDS, Simon. **Energy Flash: A Journey Through Rave Music and Dance Culture**. Londres: Faber & Faber, 2013.

RITSON, J. **Deep House: The Evolution of the Genre**. Music Press, 2017.

SANTOS, Sérgio. **Percursos da Música Eletrônica**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

SHAPIRO, E. **Lounge: The Sound of Modern Relaxation**. Musicology Press, 2000.

SILVA, Gustavo de Oliveira. **Nos embalos da era disco cinematográfica**: reflexões sobre o movimento disco no cinema. 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/33367>. Acesso em 22 de mar. 2025.

ANEXO 1: entrevistas semiestruturadas

ENTREVISTA 1

Você se dedica a compor para o saxofone no contexto de música eletrônica?

[...] Sim. Eu componho e também faço arranjos para as músicas que toco. Por exemplo, pego uma música do Elton John com a Dua Lipa, mudo a bateria, faço os remixes e crio novas versões. Além disso, minhas composições são produzidas do zero. Eu elaboro as batidas, programo os ritmos, toco o teclado e adiciono camadas aos arranjos. Normalmente, convido amigos para cantar, e algumas dessas músicas já estão disponíveis no Spotify [...]

Como você lida com o aspecto criativo do saxofonista que toca em eventos de música eletrônica dançante no que tange à improvisação? (interseção entre composição e improvisação).

[...] Na improvisação, tento me familiarizar bem com a música antes de tocar. Se não conheço a música previamente, utilizo um recurso essencial: estudar todas as escalas (maiores, menores, pentatônicas). Assim, consigo imaginar frases musicais antes de tocá-las. Para criar um groove que se encaixe na música, busco elementos já presentes na base sonora e os reproduzo no sax. Trabalho bastante com variações rítmicas, explorando frases curtas e efeitos como repetições e loops. Além disso, desconstruo frases criadas, alterando pequenas partes, removendo ou adicionando notas, para que o improviso soe natural e coeso com a base musical [...]

Como são seus processos criativos ao compor uma música inédita? (concepção melódica, harmonias, batidas/percussão, timbres ou outros).

[...] Geralmente, começo compondo no violão ou no teclado para entender as harmonias e escolher os acordes. Primeiro, crio uma progressão de acordes e defino a tonalidade. Depois, imagino melodias que combinem com essa estrutura harmônica, canto as ideias para testar sua sonoridade e gravo no celular. Se a ideia funcionar bem, desenvolvo uma segunda parte, um refrão ou variações. Com a estrutura musical definida, passo para o computador, uso o Ableton Live para programar a bateria e começo a adicionar os elementos restantes, como linhas de baixo, sintetizadores e sax [...]

Como ocorre o registro de suas composições próprias? (partituras, registro fonográfico ou outras formas.)

[...] Faço o registro das composições de maneira formal. Estou associado à ASIM (Associação de Compositores), que cuida das minhas músicas junto ao ECAD. Envio a partitura com

acordes por e-mail para registro, garantindo a proteção autoral. Além disso, uso distribuidoras digitais para lançar minhas músicas no Spotify e em outras plataformas, vinculando os registros aos códigos do ECAD. Dessa forma, toda execução, venda ou streaming da música gera royalties para o compositor [...]

Você trabalha sozinho ou com um DJ? E, em sua opinião, qual a importância dessa parceria do instrumentista com o referido profissional? O DJ participa do ato criativo?

[...] Já trabalhei em diversos formatos: sozinho, com DJs e em grupos musicais. A parceria com DJs é muito enriquecedora, pois eles trazem um repertório amplo e novas referências. O DJ adiciona energia ao show e facilita a interação com o público. Além disso, há uma troca musical intensa, já que muitas vezes os DJs apresentam músicas que eu ainda não conhecia, o que estimula minha criatividade na improvisação. Atualmente, foco no meu próprio projeto, onde toco sozinho, mas também colaboro com outros músicos e DJs quando necessário [...]

Quais softwares e equipamentos você utiliza no processo de criação?

[...] Utilizo o Ableton Live como principal software de produção, pois sua interface gráfica facilita a organização das faixas e edição dos elementos musicais. Também uso o SoundForge para masterizar e finalizar minhas músicas. No passado, trabalhei com softwares como Cakewalk, que me ajudaram a entender melhor a programação musical e a manipulação de timbres. Hoje, minha produção é baseada em MIDI, sintetizadores e gravações ao vivo [...]

Quais softwares e equipamentos você utiliza na performance?

[...] Durante as apresentações, utilizo um microfone sem fio da Shure e um pedal de efeitos da TC-Helicon, que possui delay e reverb. Já testei equipamentos mais complexos, como pedais que adicionam oitavas e efeitos de modulação, mas atualmente prefiro uma abordagem mais direta. Também já experimentei o sax MIDI da Yamaha, que permite simular timbres de outros instrumentos, mas hoje foco no som acústico do sax com efeitos sutis. Em alguns shows, estou incorporando teclado e guitarra para ampliar minha versatilidade como multi-instrumentista [...]

ENTREVISTA 2

Você se dedica a compor para o saxofone no contexto de música eletrônica?

[...] Sim, eu me dedico a compor para o saxofone no contexto da música eletrônica. Essa história de tocar junto com a música eletrônica tem uma ligação até com como eu comecei a tocar sax, porque quando eu era pequeno eu já era DJ e colocava som em festinhas desde os 10, 11 anos. Eu já tinha essa intimidade com festas, escolha de música, pesquisa de músicas, então quando comecei a tocar sax, uma das coisas que eu fazia mais era praticar ouvindo discos e improvisando em cima [...]

Como você lida com o aspecto criativo do saxofonista que toca em eventos de música eletrônica dançante no que tange à improvisação? (interseção entre composição e improvisação).

[...] Eu lido com a improvisação dentro da música eletrônica dançante de maneira bastante intuitiva. Como eu já tinha essa veia de compositor, em vez de simplesmente reproduzir solos, eu criava frases e improvisava sobre as músicas. Quando toco com DJ, por exemplo, às vezes ele deixa lupado um beat da música, alguns compassos, e aí eu improviso em cima, criando um clima de interação maior. Essa interseção entre composição e improvisação é essencial para manter a performance interessante e dinâmica [...]

Como são seus processos criativos ao compor uma música inédita? (concepção melódica, harmonias, batidas/percussão, timbres ou outros).

[...] Meu processo criativo ao compor uma música inédita varia bastante. Muitas vezes, eu começo no violão. Existem dois caminhos principais: ter a letra pronta e construir a música em cima dela ou criar a melodia primeiro e depois encaixar a letra. Meu histórico de composição envolve parcerias com vários artistas, como Cazuzza e Paula Toller. Em outras situações, eu componho sozinho, e o processo pode ser mais caótico, com várias ideias surgindo diariamente, mas nem todas sendo levadas adiante. Além disso, também tenho trabalhado com um DJ mais jovem em um projeto chamado Treptrop, onde ele produz a base eletrônica e eu componho as melodias e letras [...]

Como ocorre o registro de suas composições próprias? (partituras, registro fonográfico ou outras formas.)

[...] O registro das minhas composições próprias ocorre de diferentes formas. Eu gravo ideias no meu estúdio caseiro, faço demos e, quando necessário, registro as composições oficialmente. Muitas vezes, eu também anoto cifras e melodias. A gravação e produção final acontecem conforme a necessidade de cada projeto [...]

Você trabalha sozinho ou com um DJ? E, em sua opinião, qual a importância dessa parceria do instrumentista com o referido profissional? O DJ participa do ato criativo?

[...] Eu já trabalhei tanto sozinho quanto com DJ. Tocar com banda tem um impacto diferente, pois envolve baixo, bateria, guitarra, e exige uma mixagem mais complexa. Com DJ, a música já vem estruturada, com muito espaço para o sax improvisar, o que facilita a performance. Essa parceria é importante, pois o DJ pode criar atmosferas e transições que ajudam na condução do show. Em muitos eventos, o DJ participa do ato criativo, trazendo bases e ritmos que influenciam minha improvisação e performance [...].

Quais softwares e equipamentos você utiliza no processo de criação?

[...] No processo de criação, utilizo diferentes softwares e equipamentos. Tenho um estúdio caseiro onde gravo minhas ideias. Para produção eletrônica, trabalho com softwares como Ableton Live e Logic Pro, além de interfaces de áudio e controladores MIDI [...]

Quais softwares e equipamentos você utiliza na performance?

[...] Para a performance, uso um microfone sem fio da Shure, um sistema sem fio para saxofone e um pedal de delay, que é essencial para minha sonoridade. Também utilizo um microfone DPI em algumas situações. O delay é um elemento fundamental na minha performance, pois adiciona textura e profundidade ao som do saxofone [...]

ENTREVISTA 3

Você se dedica a compor para o saxofone no contexto de música eletrônica?
Sou produtor de música eletrônica e componho melodias de saxofone dentro da música eletrônica.

Como você lida com o aspecto criativo do saxofonista que toca em eventos de música eletrônica dançante no que tange à improvisação? (interseção entre composição e improvisação).

Sobre eventos de música eletrônica, com estudos que fiz dentro das batidas eletrônicas, percebi que o compasso é sempre será simples, a contagem é sempre em 4, 8 ou 16... Dentro disso, temos que respeitar o vocal se tiver um, e no drop que não tiver vocal, eu faço um solo. Sempre tenho um “MOTIVO” para seguir, dentro do Tom, eu faço improvisos de acordo com meus estudos de escalas e limitações. (Sem exagero) início, meio e fim do solo no sax.

Como são seus processos criativos ao compor uma música inédita? (concepção melódica, harmonias, batidas/percussão, timbres ou outros).

A produção de música eletrônica é incrível, tenho uma base de solo, mas quando monto as batidas e harmonias, a música sempre muda de direção, vai fluindo e o final sempre é algo “MÁGICO”, quando eu volto para ouvir o início, era apenas uma ideia, e quando finalizo, é algo totalmente diferente do que pensei.

Como ocorre o registro de suas composições próprias? (partituras, registro fonográfico ou outras formas.)

Sou produtor fonográfico pela ABRAMUS (associação brasileira de música e arte) todas as minhas músicas, estão registradas lá. Recebo direitos autorais pelas plataformas de músicas.

Você trabalha sozinho ou com um DJ? E, em sua opinião, qual a importância dessa parceria do instrumentista com o referido profissional? O DJ participa do ato criativo?

Hoje sou DJ e Saxofonista (2 em 1). Antes eu fazia muita parceria com DJs, mas estava me atrapalhando, pois eles não pensam como nos músicos pensamos. E as vezes me atrapalhava em uma virada ou outra... Tem DJs que são musicistas, mas eu não encontrei aqui no meu estado. (Existe uma diferença, músico é músico e DJ é DJ) Eu quebrei essa barreira aqui no ES.

Quais softwares e equipamentos você utiliza no processo de criação?

Eu uso o Ableton Live para produzir minhas músicas (software criado para música eletrônica), uso uma interface da Universal Audio, Microfone condensador AKG, Monitores de referência da Pioneer, Teclado controlador Behringer, Fone Shure, Notebook Windows.

Quais softwares e equipamentos você utiliza na performance?

Controladora de DJ “Denon Prime Go”+ Pendrive, Microfone SHURE Beta 98, Mesa de Som U16, Saxofone Weril Master e um Júpiter(caso um sax quebre ou de problema).

ANEXO 2: listagem de performances e composições do gênero para fins apreciativos

Artista	Título	Ano de publicação	Link
George Israel	Eletro sax! KID ABELHA	2009	https://youtu.be/Xs2NnYQ1rzc
Guru Josh Project	Infinity	2011	https://youtu.be/Y0p_yxly-RAA
Alex Gaudino feat. Crystal Waters	Destination Calabria	2011	https://youtu.be/Kq3OtRsdXls
DIMMI	Dizzy	2014	https://youtu.be/ir65Te07JsE
Saxity	UpAll Night	2014	https://youtu.be/GhpXgQ8TOUA
Jimmy Sax	Live at Nikki beach St Tropez (Opus Eric Prydz)	2015	https://youtu.be/bsBbXTyvkeE
Saxofonista Syntheticsax	Sax e Dj- Improvisation at sunset	2016	https://youtu.be/bCLpRncijQw?list=PLguPRpiyCVjCnDEjAULE4vkU51u7mcE4c
Ehrling	SthlmSunset	2017	https://youtu.be/uoEhoGt4mIw?list=PLnME6E73jxqal-3kxQsxRLn8c2oy_on1h
Jimmy Sax	Time	2018	https://youtu.be/LH_de3zZmkY
Jopin	Alceu Valença- Anúnciação (Jopin Remix)	2018	https://youtu.be/EovGMtj4BPA
Michael Fay	Ibiza Sax	2018	https://youtu.be/DzJA_vXXbjM?list=PLnME6E73jxqal-3kxQsxRLn8c2oy_on1h
Ookay	Thief (Zerb remix)	2018	https://youtu.be/8Ii7xIxtojA
Paulo Pacheco	PAULO SAX VÍDEO CLIP, SAN ANTONI- IBIZA	2018	https://youtu.be/2YD0eNcCURM
Bakermat	Baianá (OfficialVideo)	2019	https://youtu.be/iaGjz4dtr3o
Dj Replay	Dj Replay e Sandy Sax City Live Experience (live sax)	2020	https://youtu.be/QW2pqqNoCic
GoldFish, CatDealers	ColoursandLights	2020	https://youtu.be/_VmZg2Fk3jg

JV SAXX	Resilience	2021	https://youtu.be/Zj9XVtX5v9E
Royal Crescent, Carbonift Marcos Melo	Sax House	2021	https://youtu.be/TDzQgXCqS80
JV SAXX	Baby Feel	2023	https://youtu.be/CREEHKhfQ
YardenSaxophone	Live in Tel Aviv – Sunset House Beach Party	2023	https://youtu.be/z_gXZODm0MI